

# FABRICAÇÃO MIDIÁTICA E LITERÁRIA: TECENDO OS FIOS DISCURSIVOS DE UMA AMAZÔNIA

Mônica de Oliveira Costa

Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)  
Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC

Caroline Barroncas de Oliveira

Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)  
Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática da REAMEC  
gepedi@faced.ufu.br

## Resumo

O trabalho tem como objetivo mapear modos de ver e dizer a Amazônia nos discursos midiático e literário. Se fez necessário discutir de que modos a Amazônia foi/é fabricada na literatura e na mídia, para que consigamos aproximar daquilo que os professores se utilizam. Assumimos o pressuposto de que o entendimento do professor sobre a Amazônia norteia a organização do processo de ensino e a aprendizagem, além de atuar efetivamente na escolha dos conteúdos. A pesquisa se sustenta nas fronteiras da abordagem pós-crítica, principalmente nas contribuições de Michel Foucault. Fizemos um mapeamento de várias materialidades midiáticas e literárias que falam sobre a Amazônia e agrupamos pela definição presente. Desta forma, os discursos midiático e literário fabricam uma Amazônia como exuberância natural, ou seja, destacando em sua maioria apenas os aspectos naturais.

**Palavras-chave:** Discurso; Amazônia; Mídia; Literatura.

## Introdução

Que as palavras que falo não sejam ouvidas como prece e nem repetidas com fervor, apenas respeitadas, como a única coisa que resta a um homem inundado em pensamentos, porque metade de mim é o que eu ouço, mas a outra metade é o que calo.

Oswaldo Montenegro

Sempre nos impressionou a alusão feita à Amazônia, nos mais diversos discursos, mas em especial, no midiático e no literário, geralmente transmitindo ideias generalizadoras e, não raro, estereotipadas a respeito desse território. Apenas a mera observação da sua área ou de suas possíveis classificações é capaz de suscitar dúvidas sobre tais naturalizações. É nessa perspectiva que se pauta este trabalho que tem como objetivo mapear as ideias sobre a Amazônia presentes nos discursos midiáticos e literários formatadas e tomadas como verdades por meio de uma linguagem com a função dita constativa e/ou descritiva de uma suposta realidade que fabrica ideias sobre Amazônia no trabalho do professor.

Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais e das ferramentas de Michel Foucault, já existem alguns trabalhos com essa temática, escolhemos alguns destes (por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Portal Capes) para apontar suas proximidades e distanciamentos da pesquisa que por ora se desenvolve.

O trabalho de Guimarães (2006) apresenta discussão sobre os processos e discursos que objetivavam nacionalizar a Amazônia no período da Primeira República Brasileira, no qual se deu ênfase aos documentos escritos por Euclides da Cunha. O autor afirma que nesse período a visão da Amazônia foi construída por meio de binarismos, como, por exemplo, cidade povoada/desértica: povoada porque tinha vários estrangeiros aqui morando, desértica porque se buscava uma nacionalização, então a população que deveria predominar era de brasileiros.

Outro binarismo frequente é o de inferno verde/paraíso perdido em que os textos de Euclides da Cunha tentaram superar ambos, pois se buscou minimizar qualquer termo que tornava estrangeira aquela floresta e essas classificações tinham sido feitas por tais estrangeiros dando significações a Amazônia própria a eles.

Um destaque importante de Guimarães (2006) é o fato de se constituir a Amazônia vindo para cá olhar para ela. Ou seja, a elaboração da nacionalização da Amazônia passa por um processo de demarcação do território e de construção de significados feito por alguém que vem para esse lugar, como se daqui não fosse possível construir esse olhar. Daí a importância de se estudar esses conceitos a partir dos estudos culturais que relacionam cultura, conhecimento e poder, levando-me a concluir que existiam pessoas autorizadas a dizer o que era e como deveria ser essa Amazônia brasileira.

Nesta mesma linha de narrar ao ver de perto, estão o trabalho de Guimarães (2012), que descreve a Amazônia no pensamento de Benedito Nunes, e a pesquisa de Costa (2011), que apresenta as fabricações da Amazônia no telejornalismo da Rede Globo e sua relação com o país. Geralmente, os repórteres viajam para cá para relatar sobre a vida do povo amazônico. Segundo a autora, a análise das narrativas aponta para uma colonialidade construída ao longo da história, na qual a Amazônia é apresentada pela mídia como selvagem em contrapartida ao Sudeste, que é caracterizado como civilizado, fato que muitas vezes se torna a maneira certa de se entender a Amazônia.

Dessa forma, se fortalece a ideia de diferença cultural na qual tudo que envolve o termo Amazônia é visto como sinônimo de inferioridade e subalternidade. Do mesmo modo, na descrição do homem amazônico, a diferença se constrói nas relações de poder e saber fortalecidas na história e na cultura.

Neste cenário, o Brasil brasileiro é o sudeste e a Amazônia fica fora das fronteiras das características que definem o país como tal. Nessa mesma perspectiva, está o trabalho de Vicentini (2013) que discute o discurso ambiental da Amazônia no Globo Repórter. Esta autora enfatiza que este programa, um dos mais antigos da Tv brasileira, está autorizado a dizer como é o ambiente na Amazônia e o faz relacionando-o com o ambiente do restante do país, enfatizando que ainda precisamos desbravar e descobrir a Amazônia que aqui temos.

Outra pesquisa nessa mesma perspectiva é a de Monteiro (2011) intitulada “Amazônias na Tv: a presença local no telejornalismo nacional”, na qual se discute quatro eixos principais: os conceitos de Amazônia adotados nas reportagens; as discussões dos estados da Amazônia Legal e sua relação com a região; os assuntos pelos quais a Amazônia aparece em rede nacional e a presença ou ausência de núcleos locais na elaboração das reportagens. Segundo a autora, no período estudado, a ênfase das reportagens é o desenvolvimento sustentável como uma exigência/obrigação dessa região em relação às demais regiões do país, visto que é nela que se diz viver grande parte da biodiversidade do Brasil.

A pesquisa de Barbosa (2010) também traz esse confronto com o estado nacional, buscando a partir dele descrever as narrativas das identidades regionais na Amazônia. Um ponto interessante nessa tese é que o autor afirma que lideranças intelectuais, políticas e empresariais denunciam que os interesses nacionais são muitas vezes prejudiciais a Amazônia, mesmo quando seu discurso afirma que é para o desenvolvimento da região. É o caso dos valores do regionalismo utilizado pelo grupo hegemônico que busca estabelecer uma coesão social para o homem amazônico construindo a imagem do homem ideal para habitar essa região.

Dessa forma, um pressuposto que se assume nessas pesquisas é de que a Amazônia fabricada pelos discursos (políticos, midiático, econômico, outros) produzem subjetividades, modos de viver e ver a “amazonidade”, como, por exemplo, o espaço da natureza intocada. É o que discute a pesquisa de Colferai (2009) que se debruçou sobre a compreensão dos mecanismos apontados pelo jornal Diário da Amazônia, no intuito de legitimar as práticas culturais concebidas como constituidoras da identidade do homem amazônico. Sendo assim, o autor afirma que o jornal, ao descrever as práticas culturais amazônicas (e inclusive dizer quais manifestações nela se enquadram), constrói um modelo do homem para viver tal experiência, estabelecendo parâmetros para o que cabe ou não nesses espaços.

É nessa perspectiva que se constroem a identidade de índio, como afirma Paes (2008) em sua pesquisa sobre esse tema em filmes que retratam a Amazônia. A autora aponta, assim como os trabalhos citados anteriormente, que ainda é forte os ideais do colonialismo de

representação, especialmente no que tange às narrativas sobre o índio na contemporaneidade.

Outro aspecto importante é que na atualidade muito se discursa sobre a valorização das diferenças, entretanto muitas vezes essas diferenças são entendidas com graus desiguais de superioridade de uns sobre os outros e não fica difícil saber em que posição nos filmes o índio é apresentado.

É nesse sentido que se estabelece nesse trabalho a necessidade de um processo de desnaturalização e deslocamento das ideias fabricadas sobre a Amazônia, sendo que este entendimento é central na produção de identidades e na condução da vida (PARAÍSO, 2005). Nesse contexto, ao mapearmos de que modos a Amazônia é vista/fabricada nos discursos midiático e literário, temos a possibilidade de problematizar como essas ideias atravessam outros discursos, como o escolar.

A pesquisa assume os conhecimentos teórico-metodológicos dos Estudos Culturais e a ferramenta do discurso em Michel Foucault. Em consonância com esta abordagem, assumimos como empiria filmes e textos literários que fabricam modos de ver e dizer a Amazônia. Os filmes escolhidos foram *Tainá, uma Aventura na Amazônia* (2001) e *Rio 2* (2014)<sup>1</sup>. O exame desses materiais seguiu duas categorias de análise: os modos de fabricação da Amazônia e a ideia de Amazônia fabricada.

Desse modo, o movimento da pesquisa pode ser descrito assim: sistematização dos estudos bibliográficos teórico-metodológicos sobre o discurso; mapeamento dos materiais midiáticos e literários que falavam da Amazônia em três escolas públicas ditas amazônidas; escolha dos materiais tendo como critério o maior número de recorrência nas escolas; análise a partir da ferramenta do discurso em Foucault, a qual possibilita mapear os enunciados que produzem a ideia de Amazônia; a partir das ideias de Amazônia produzidas e localizadas nas materialidades estudadas, armamos uma rede para destacar a dispersão de tais fabricações, principalmente no discurso literário. São essas fabricações que passamos a narrar nesse momento.

## **A fabricação da amazônia nos discursos midiático e literário**

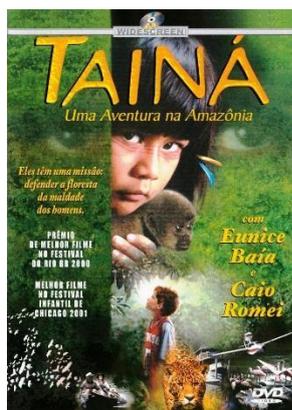
Desde a infância, se tem acesso a vários currículos que produzem a Amazônia como uma floresta de beleza exuberante e encantadora, o que somado ao reforço oferecido, dentre outros, pelos discursos literário e midiático resulta na invenção de imaginários sobre esse

---

<sup>1</sup> Esses filmes foram escolhidos por serem os mais utilizados nas escolas que as pesquisadoras acompanham os acadêmicos no Estágio Supervisionado. O mapeamento dos filmes se deu por meio de uma pesquisa de iniciação científica intitulada “AS AMAZÔNIAS PRESENTES NOS DISCURSOS DA LITERATURA INFANTIL MANAUARA”, também sob orientação das autoras da pesquisa.

espaço que nos ensinam a ver a Amazônia por meio da sua natureza: as peças artesanais como os brinquedos de miriti, as cuias pintadas, o artesanato indígena, as cerâmicas marajoara e tapajônica, o predomínio da cor verde como expressão da marca Amazônia...

As ideias de uma Amazônia como “selva” (CASTRO, 1974); um lugar exótico considerado inóspito; selvagem e que deve ser domesticado, surgem embutidas no processo de invenção de uma ideia de Amazônia amplamente divulgada dentro e fora das fronteiras do Brasil (GONDIM, 1994). Como se apresenta nas materialidades abaixo:



**Figura 1:** Cartaz de divulgação do filme Tainá e reportagem do blog Mídia e Amazônia.

As narrativas que sustentam esse discurso afirmam que, por permanecer muito tempo sem ser efetivamente conquistado, especialmente por dificuldade de acesso, esse espaço ficou preservado e, portanto, conhecido pela exuberância de sua paisagem e por sua biodiversidade. Uma imagem comum do que seja a Amazônia é a de uma imensa extensão de terra, na qual a natureza é o principal elemento de identificação.

Muitas dessas ideias foram postas em circulação desde o período colonial por viajantes, naturalistas, expedicionários, missionários, funcionários entre outros, até o tempo presente pelas propagandas, pesquisadores, órgãos internacionais, etc que por meio de suas práticas materializaram a Amazônia como território da exuberância natural. É nesse sentido que tais práticas constituíram um suposto modelo de matriz biológica, que se tornou dominante nos processos interpretativos da Amazônia. A pintura de Rugendas (expedição de Langsdorff) retrata essa fabricação ao destacar os elementos ditos naturais que formam modos de ver a Amazônia com o olhar viciado em alguns aspectos, como grandiosas e imponentes árvores; a fauna e a flora.

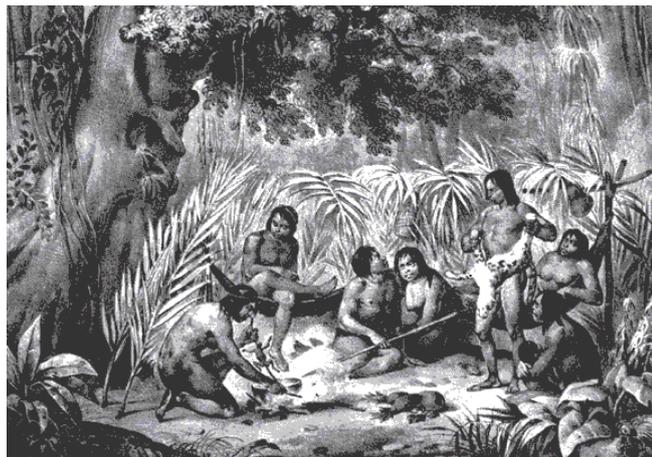


Figura 3: Índios em sua cabana (Rugendas, 1991)

**Figura 2:** Índios em sua cabana (Fonte: RUGENDAS, 1991).

A ênfase de olhar para a Amazônia a partir de sua natureza é atravessada por outros discursos. Nestes, o bioma é um espaço pouco habitado; entendido, geralmente, como idílico, primitivo, encantado e exótico. As fabricações dos naturalistas dão visibilidade a esse enunciado ao destacar que nela habitavam o maior número de espécies animais, com exceção dos mamíferos. As plantas também são consideradas de rara beleza. Nos relatos sobre essa região, se enfatizavam a grandeza e a variedade dos seres amazônicos que foram minuciosamente descritos, em especial por Wallace (ALVES, 2011).

Assim, a Amazônia como exuberância natural, além de estar baseada na ideia de uma Amazônia real (posto que é visível), também passa pela valorização dos espaços pouco explorados pelos homens em detrimento aos espaços com danos ambientais. Esse fato não nos permite afirmar que os discursos produzem sujeitos amazônicos a partir do cuidado que tem com a natureza, já que em alguns momentos da história se encontra afirmativa antagônica a essa, ou seja, são vistos como bárbaros e selvagens, como nos textos de Euclides da Cunha.

Este autor contribui para a construção de uma imagem amazônica a partir de uma natureza enigmática, que precisaria ser decifrada pela ciência. Alguns discursos têm reafirmado a aproximação da Amazônia com a ciência. A sua explicação/exploração através desse campo, apontando esse território como laboratório natural, é de que os resultados dessas pesquisas trazem benefícios em escala internacional. São os casos do slogan “a Amazônia é o pulmão do mundo” e da poesia de Jaime Silva Araújo:

Seringueira que estais na selva / Multiplicados sejam os vossos dias / Venha a nós o vosso leite / Seja feita a nossa borracha / Assim na prensa como na caixa / Para o sustento de nossas famílias / Nos dai hoje e todos os dias / Perdoai nossa ingratidão / Assim como nós perdoamos / As maldades do patrão / Ajudai a nos libertar / Das garras do regatão. Amém.

Esse destaque na vã tentativa de conceituação da Amazônia, pela valorização dos

elementos na natureza, tem visibilidade em vários campos de alcance nacional. Chaves (2013, p. 91) problematiza essa característica:

Quantas vezes vimos e ouvimos a Amazônia apresentada, nas palavras, nas imagens, pela exuberância natural em contraste com sua pobreza econômica, social e cultural? Quantas vezes identificamos Amazônia com indígena e este com subdesenvolvimento, primitivismo, exotismo, algo a ser apreciado como expectador civilizado de uma “realidade” que precisa ser mantida para deleite visual das novas gerações, mas que ninguém quer para si?

Neste cenário, qualquer fabricação sobre a Amazônia assume a indissociabilidade entre a natureza e o homem, seja numa relação de integração ou intervenção, visto que se supõe constituir em aspecto fundamental para entendê-la. Esse lugar comum, de pensar a Amazônia a partir da ênfase na imponência de seus recursos naturais, parece ao nosso ver uma das imagens considerada mais reais da floresta, já que tem sido divulgada amplamente nos mais variados currículos, como a literatura e o cinema.

No filme Rio 2, a Amazônia apresenta-se desse modo, dando visibilidade a aspectos que parecem descrever uma Amazônia diferente (como as flores e os animais raros), mas que sempre estão destacando a natureza. Souza (2014) reafirma tal proposição ao entender que esse fato não é ruim só para a Amazônia, mas também para o Brasil. Porque, se a Amazônia é um território do primitivo, sem vida cultural relevante, por exemplo, somos reduzidos à mera natureza. E natureza ameaçada, como a Amazônia é enquadrada nos discursos.

Entretanto, é nessa reiteração permanente do que é a floresta que existe a possibilidade de dizê-la de outros modos. Guimarães (2006) afirma ser possível a desnaturalização de alguns significados que se colam à Amazônia, em função de terem sido tantas vezes enunciados e repetidos.

O olhar do Brasil sobre a Amazônia vive fortemente do que é difundido pelos meios de comunicação, que instituem uma Amazônia dita verdadeira pelos seus aspectos naturais ou algum tema relacionado a eles, como os problemas ambientais. Portanto, o modo de fabricação da ideia de Amazônia passa por artefatos que não são específicos da escola, como os filmes, mas que atuam na naturalização de aspectos como próprios da floresta.

## **Considerações finais**

Ao tomar a positividade de tais materialidades, apagando sua suposta banalidade, olhamos para os discursos midiático e literário que a um só tempo é produto e produtor da Amazônia. Não é uma questão de interpretação do que está nas entrelinhas; “nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, à experiência imediata;

mas não é, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz” (FOUCAULT, 2008, p. 127).

A Amazônia produzida nos discursos midiático e literário é descrita por sua natureza, tocada ou devastada, habitada ou esquecida, mas que todos precisam conhecer para amar, proteger, explorar ou quem sabe dominar. A ideia de Amazônia conformada nas materialidades pesquisadas atua na naturalização de uma descrição supostamente real e torna visível e dizível problemáticas ditas amazônidas.

Como destaca Souza (2014, p. 30): “afastando-se os entulhos promocionais, as falácias da publicidade e a manipulação dos noticiários de acordo com os interesses econômicos, nota-se que a Amazônia vem sendo quase sempre vitimada, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas [...]”

Desse modo, é posto em visibilidade que a Amazônia é constituída meramente por seus aspectos naturais, instituindo modos de ensinar sobre ela.

A Amazônia não foi vista como um campo discursivo estável e unísono, compostas por discursos integrados que se complementam, mas sim como espaço de embates e dissonâncias, como arena de luta na qual o que se disputa é o poder de instituir significados. A Amazônia descrita como conhecida, catalogada e disponível é aquela reduzida a pulmão do mundo, zona de queimadas que agravam o efeito estufa, lendas, mitos, etc. Decorrência do fato dela ser naturalizada apenas por sua natureza.

A invenção da Amazônia como exclusivamente formada pela natureza nega a ideia de que tudo isso é um produto da cultura e, portanto, pedagógico, aprendido, inventado. É como nos lembra Larrosa (1994): “O que todo mundo vê nem sempre se viu assim.”

## Referências

ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 18, n. 3, jul-set, 2011.

BARBOSA, Mário Médici. **Entre a filha enjeitada e o paraensismo**: as narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Disponível em btdt.ibict.br. Acesso em 21 jul. 2017.

CHAVES, Silvia Nogueira. **Reencantar a ciência e reinventar a docência**. São Paulo: Editora da Física, 2013. (Coleção contextos da ciência).

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e identidade na Amazônia**: as práticas culturais

legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <btdt.ibict.br> Acesso em 21 mar. 2017.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá** – memórias antropológicas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Um olhar nacional sobre a Amazônia**: apreendendo a floresta em textos de Euclides da Cunha. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pêsoa. **Um olhar atrás da escrita**: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia. Dissertação de Mestrado. Pará: Universidade Federal do Pará, 2012. Disponível em: <btdt.ibict.br> Acesso em 21 mar. 2014.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu. In: SILVA, Tomaz T. (org) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **Representações cinematográficas “ensinando” sobre o índio brasileiro**: selvagem e herói nas tramas do império [manuscrito]. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <btdt.ibict.br> Acesso em 21.03.2014.

PARAÍSO, Marlucy. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.30, n.1. p. 67-82, 2005.

SOUSA, Márcio. Amazônia, regional e universal. IN: BASTOS, Élide Rugai. PINTO, Renan Freitas. **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Valer, 2014.

VICENTINI, Juliana de Oliveira. **O discurso ambiental da TV**: a Amazônia do “Globo Repórter”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <btdt.ibict.br> Acesso em 21 mar. 2014.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna, RIPOLL, Daniela. POSSAMAI, Laís. Educação Ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, mai-ago, 2012.